

A representação do Concelho de Mação na Exposição-Feira

Graças a Deus, não nos enganámos ao afirmar no último número a convicção de que a maneira por que o concelho de Mação se representaria na Exposição Feira de Santarém iria merecer referências elogiosas. Efectivamente, as palavras de elogio não faltaram. Desde as palavras com que o venerando Chefe do Estado e o ilustre Presidente do Ministério manifestaram o seu agrado, até às palavras de lisonjeiro apreço que a algumas das mais importantes manifestações da actividade industrial do Concelho dedicou a Imprensa, devendo destacar, entre todas estas, as que o «Diário de Notícias» lançou por todo

nhecemos ter feito o melhor que lhe foi possível dentro das condições económicas a que teve de se cingir. E se naquelas palavras não há desprimôr para com o Sr. Saúl de Almeida, também o não há para a Câmara. A Câmara pensou como nós, quando escrevemos, no número de Abril, que ela procedera criteriosamente associando-se com outros Concelhos para a representação comum, dado que o de Mação não estava em condições de poder suportar os encargos da representação isolada.

E' que, também, e acima de todas as razões, essa idea nova, logo nas linhas gerais do seu programa



Vista geral de Mação

o país, com a sua enorme tiragem, referindo-se em artigo de fundo à interessante e já afamada indústria dos tapetes de Mação.

Desde as palavras elogiosas do Sr. Governador civil e dos seus colaboradores na realização do belo certame, até aos comentários honrosos de todos os visitantes dos mais humildes aos de mais alta categoria.

Por que razões teria o concelho de Mação merecido essas palavras elogiosas, conciliado essa simpatia por tanta gente e por tantas formas manifestada?

Seria porque o seu stand marcasse entre os outros pela grandeza das suas dimensões, pela maior elegância das suas linhas, pela beleza mais alta da sua decoração?

Não. O pavilhão⁽¹⁾ em que o concelho de Mação se instalou, enfileirava entre os mais pequenos da exposição, e era ainda partilhado pelos concelhos de Sardoal e Ferreira do Zêzere.

Pelo que respeita às suas linhas e à sua decoração, ele não tinha nada de excepcional que pudesse provocar a admiração encomiástica dos visitantes. Foi dito sem desprimôr para com o Sr. Saúl de Almeida, a quem a construção foi confiada e que reco-

se apresentava de tal magnitude, tão audaciosa, de tão difícil execução, que se poderiam apontar a dedo os que se abalçavam a prever o formidável êxito da sua brilhante realização.

Daí veio também que os elementos organizadores da representação concelhia tiveram de trabalhar num ambiente caracterizado por uma certa falta de entusiasmo da parte dos industriais.

Pensaríamos hoje da mesma forma, nós que escrevemos, a Câmara que tomou deliberações apertadas de natureza financeira, os industriais que mostravam aquela frieza?

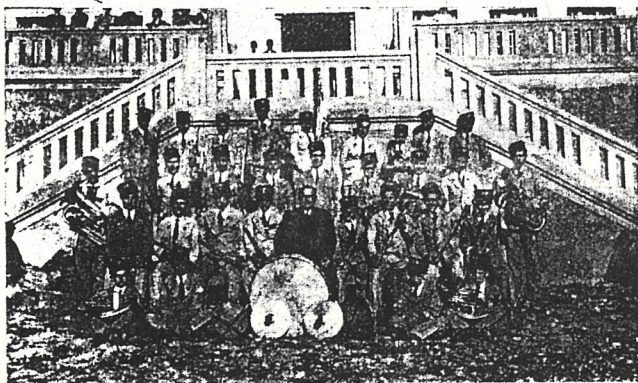
Certamente que não, o que não obsta a que reconheçamos a prudência da Câmara e a lógica da maneira de pensar nossa e dos industriais.

(1) Propositadamente escrevemos uma vez *stand* e outra vez *pavilhão*. Entre o galicismo *pavillon*, que se aportuguezou e o anglicismo *stand*, que se usa sem aportuguezamento, nós estamos abertamente com este por nos parecer evidente que ele é filho legítimo do pai latim *sto, stas, stare*. Basta apenas aportuguezá-lo. Deveríamos talvez dizer *estante*, mas para não fornecermos mais um elemento para confusão da língua, já não ficará mal dizermos *estande*, embora a terminação não seja a mais correcta. Isto tudo salva a opinião dos vários Doutores Miungas — sem ofensa para um distinto professor da região — que espiolham a pureza da lusa língua.

Ferreira do Zézere e Sardoal e o presidente da câmara de Santarém, respondendo a todos o sr. Governador Civil.

A assistência, que era numerosa, e entre a qual se viam alguns deputados e presidentes das outras câmaras do Distrito, aplaudiu calorosamente todos os oradores, prorrompendo, no final do discurso do sr. Dr. Eugénio de Lemos em vibrantes vivas a S.^a Ex.^a, ao Estado Novo, general Carmona, Salazar, concelhos representados no *estande*, etc.

A' noite, a banda de Mação sob a regência hábil do sr. Alberto da Silva Pereira, executou no recinto



A Filarmónica da Sociedade União Maçaense

da Exposição um concerto selecto com o seguinte programa, que, pela correcção com que foi executado, mereceu aplausos repetidos da assistência:

Overland — P. doble.

Cenas tristes — Ouverture — Alberto S. Pereira.

Neoménia — Fantasia — A. Taborda.

República del Amor — Zarzuela — V. Léo.

Caprichosa — Polka; solo de clarinete.

Cantos dos meus tempos — Rapsódia — Alberto S. Pereira.

La Medalla del Torero — P. doble — Pedro Rubio.

Realizaram, também, concertos, escutados com muito agrado, as bandas de Ferreira do Zézere e Sardoal, tendo sido queimados vistosos fogos de artifício pelos acreditados pirotécnicos de Mação e de Sardoal.

— Além dos combóios referidos, vieram excursões de maçaenses residentes em vários pontos do país, como de Évora, Caramujo, Leiria, Alcobaça, Porto, Coimbra, Castelo Branco, etc.; que realizaram, sem dúvida, nesse dia, a mais brilhante de todas as festas de confraternização com que os maçaenses teem demonstrado o seu amor à terra mãe.

LETRAS

Livros recebidos

Questões de Linguagem (3.^a parte)
— de Rodrigo de Sá Nogueira.

Da Livraria Clássica Editora (Praça dos Restauradores, 17, Lisboa) recebemos um exemplar do livro **Questões de Linguagem (3.^a parte)**, em que o autor reuniu muitos dos seus mais interessantes artigos publicados nas revistas *A Língua Portuguesa*, *Nação Portuguesa*, *Cultura*, etc.

De entre os *assuntos vários* tratados proficientemente nas 325 páginas do livro, citemos dois: a *necessidade de se reformar a gramática* e a *exposição e crítica da nova reforma ortográfica*.

Entre os tantos assuntos versados, estes dois bastariam para justificar a aquisição do volume por todos aqueles a quem importa a pureza da língua que o autor tem zelado carinhosamente.

A arte de estudar (1.^a parte) — pelo Dr. Faria de Vasconcelos.

Da mesma Livraria, recebemos também o livro de pedagogia e didáctica **A Arte de Estudar (1.^a parte)**, 11.^o volume da *Biblioteca de Cultura Pedagógica*, pelo Dr. Faria de Vasconcelos.

Da razão do livro dizem estas palavras da *Explicação Prévia*:

«Os professores e os pais não ignoram que a grande maioria dos rapazes e das raparigas não sabe estudar... Os rapazes e as raparigas não sabem estudar porque não se lhes ensina como se deve estudar. Os professores ensinam as matérias mas não ensinam como elas se estudam...»

O autor julga, acertadamente, de tanta importância o assunto, que resolveu dedicar-lhe três volumes, versando no primeiro os problemas relativos às *condições mais adequadas e eficazes do estudo*.

Desde o primeiro capítulo — *A importância da arte de estudar* — até ao último — *Métodos de estudo* — o livro está cheio de interessantes observações e judiciosos ensinamentos, que dão razão ao conselho da capa: *«Nenhum pai, nenhum professor deve deixar de ler este livro do mais alto interesse»*.

Ambos os livros dão testemunho do conhecido cuidado posto nas suas edições pela *Livraria Clássica Editora*.

Fábrica de Cortumes

— DE —

José M. Esteves Coluna

Gerente: CLEMENE M. ALEIXO

Solas, Cabedais, Carneiras e Capicuas

RIBEIRO DE MAÇÃO

SANTOS FARRAIA

Médico, cirurgião

✧ ✧ ✧ ENVENDOS ✧ ✧ ✧

Consultas em Carvoeiro às sextas-feiras e nas Matas às quintas-feiras

Manuel de Jesus Pereira Sabino

Fazendas de algodão — Depósito de Tabacos — Azeites
Mercearias — Produtos da Vacuum Oil Company.

Beira Baixa ENVENDOS